

## LINGUAGENS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: SIGNOS IDEOLÓGICOS, POLIFÔNICOS E VIVENCIAIS?

Ana Maria Lourenço de Azevedo<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como base as reflexões iniciais que desenvolvemos para a dissertação de mestrado em educação da UFS, e resulta de uma pesquisa de abordagem qualitativa que desenvolvemos com educadores da Rede Pública Municipal de Aracaju. Neste artigo objetivo identificar e discutir a função da linguagem no processo de alfabetização. É por meio da linguagem que o homem expressa sua visão de mundo, seu pensamento a respeito de suas próprias experiências. Assim a alfabetização constitui-se em um processo de profundo significado crítico sobre a linguagem, sendo a palavra o signo mediador. Para delimitar o campo que priorizamos para análise, fizemos uso das ferramentas analíticas do pensamento dos teóricos Bakhtin (1989) e Vygotsky (1987) Em suas teorizações uma característica marcante é a concepção de linguagem como um espaço de recuperação do sujeito como um ser histórico e social. Tendo como referenciais a linguagem e as bases teóricas do materialismo histórico e dialético conduziram uma reflexão crítica ao positivismo e ao dogmatismo presentes nas principais correntes marxistas de sua época, contribuindo para preservar o elemento crítico do pensamento marxista. O texto está norteado por uma inquietação: Qual a função da linguagem no processo de alfabetização? A concepção dialógica que fundamenta esse texto adota como pressuposto básico que o homem assim como a linguagem são produções históricas e sociais e que a palavra, considerada signo ideológico carrega toda a complexidade das determinações sociais que a produziram e desse modo a relação dialógica constituída em sala de aula entre professor-aluno estabelece permanentemente um espaço de conflitos e de poder, pois implica na aceitação da palavra e da contra-palavra do outro.

**PALAVRAS-CHAVES:** Alfabetização, concepção dialógica, linguagem, signo ideológico

### ABSTRACT

This work has as base the initial reflections that we develop for the Masters' document in education at UFS, and results of a research of qualitative boarding that we develop with educators of the Municipal Public Net of Aracaju. The objective of this article is to identify and to argue the function of the language in the alphabetization process. It's

---

<sup>1</sup> Pedagoga/UFS, doutoranda em Filosofia pela PUC/MG/UCM, mestre em educação UFS, especialista em Alfabetização /UNICAMP. Coordenadora do Curso de Pedagogia e professora de TCC e metodologia científica na pós-graduação da FPD. Pesquisadora Institucional /FPD. Professora e membro do NUPEX/FSLF e do NEPHES/FPD. Gestora da pós-graduação em Educação Inclusiva e LIBRAS. Publicou entre outros, Manual de Monografia/ FPD e na Revista VÍNCULOS. "Concepções de Alfabetização: uma relação dialógica e ideológica"; Revista Humanitas – "Concepções de conhecimento e educação – Construção e fundamentos para a prática docente"; " Computador na Ordem Educacional – Um brinde ao fetiche", Organizadora e autora do Livro "Quem tem medo do TCC?"

through the language that the man expresses its vision of world, his thoughts regarding his self experiences. Thus the alphabetization consists in a deep process of meaning critical on the language, being the word the mediating sign. To delimit the field that we prioritize for analysis, we made use of the analytical tools of the thoughts of theoreticians Bakhtin (1989) and Vygotsky (1987). In their theorizations a strong characteristic is the conception of language as a space of recovery of the citizen as a historical and social being. Having as references the language and the theoretical bases of the historical and dialectic materialism they had lead a critical reflection to the positivism and the dogmatism gifts in main Marxist chains of his time, having contributed to preserve the critical element of the Marxist thought. The text is guided by a fidget: Which is the function of the language in the alphabetization process? The dialogical conception that bases this text adopts as estimated basic that the man as well as the language is historical productions and social and that the word, considered ideological sign loads all the complexity of the social determination that had produced it and in this way the constituted dialogical relation in classroom between professor-pupil permanently establishes a space of conflicts and being able, therefore implies the acceptance of the word and the against-word of other.

**KEYS WORDS:** alphabetization, dialogical conception, language, ideological sign

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve origem em nossa experiência acadêmica, profissional como professora e coordenadora de projetos de alfabetização e em observações realizadas em escolas da rede municipal de Aracaju. Ao longo dessas experiências percebemos a recorrência de um discurso sobre as mudanças da educação e sobre as dificuldades no processo de alfabetização, e, essencialmente, a principal observação é que os discursos expressavam a função da linguagem como um instrumento meramente técnico na condução do conhecimento. Para investigar tal paisagem, elegemos a presente pesquisa, dimensionando-a em duas abordagens: a primeira, teórica, demarcada pela referência em Bakhtin e Vygotsky, a segunda dirigida às professoras das escolas observadas com o objetivo de mapear através de suas falas as concepções que se enunciam nos discursos sobre a importância da linguagem e na construção da alfabetização.

Ter como foco de estudo a abordagem teórica dos dois autores implica trazer a dimensão sócio-histórica ao plano dessa análise. Bakhtin concebe a linguagem como fenômeno sócio-ideológico, por isso sua concepção de linguagem constrói-se a partir de uma crítica ferrenha às correntes lingüísticas contemporâneas, por considerar que essas teorias não compreendem a língua como um fenômeno histórico e social. A sua concepção de linguagem não estabelece uma ruptura com a vida, com o mundo. Para Bakhtin a separação da linguagem do seu conceito ideológico ou vivencial é um dos maiores erros da lingüística formalista.

É por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida. Nesse sentido ela é capaz de transformar essa realidade, ao mesmo tempo em que seu modo de agir no mundo também é modificado.

O homem, historicamente, cria instrumentos para sua relação com a natureza com o objetivo de transformá-la. Do mesmo modo cria e utiliza o signo: o número, a linguagem nas suas diversas manifestações, e a escrita, através da qual internaliza a cultura. Pela linguagem o homem em seu papel essencial de constituidor da consciência e organizador de sua ação humana é capaz de constituir-se humanamente. É nesse sentido que Vygotsky compreende que a palavra sem pensamento é coisa morta; o pensamento sem palavra é sombra.

A relação entre pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através da palavra. (...) a relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. ( 1987, p 131)

A ação do sujeito é fundamental para a formação da consciência. Deve, portanto, ser percebida na interação, sendo sempre mediada pelos signos lingüísticos, que são construídos na cultura dos povos, na história e na memória que efetivamente vai se concretizando nas interações sociais. A teoria de Vygotsky contribui para a compreensão de um indivíduo como sujeito histórico-social, ressaltando o seu papel de mediador da linguagem na aceitação de que a linguagem permite não só o contato com o mundo, como também consigo mesmo.

A linguagem não é apenas um instrumento, mas também uma revelação do ser íntimo e do lado psíquico que nos une ao mundo e aos outros. A relação homem-mundo, determinada pela linguagem, é fundamental, pois o homem ao vir ao mundo toma a palavra e transforma-a em universo de discurso; a palavra não cria o mundo, mas humaniza-o.

Favorecer a expansão da palavra no interior da sala de aula é possibilitar que as crianças da escola pública possam se constituir sujeitos de sua própria aprendizagem, nas interações e interlocuções que se estabelecem entre seus pares. Quando entendemos sentidos é que a comunicação assume uma força criadora. Na medida em que se procura interpretar, compreender e modificar a palavra, a comunicação dá ao sujeito a capacidade de compreensão de si mesmo. Nesse sentido podemos considerar que as diferentes formas através das quais um pensamento pode ser expresso não é o mais essencial, pois o pensamento pode ser expresso de diversas formas a depender das condições e exigências que se fazem presentes no discurso. O importante é que quando o homem expressa seu pensamento a outrem ele se revela e permite tomar consciência de si mesmo, ou ainda como diz Merleau-Ponty em Fenomenologia da Percepção, que por estar a expressão de um

conteúdo de um pensamento diretamente ligada a outrem, exprimir-se significa relacionar-se.

A linguagem exerce papel fundamental ao assinalar a linha de encontro entre o eu e o outro, ao tentarmos nos comunicar, estaremos ao mesmo tempo nos descobrindo e descobrindo o outro. A escola tem um papel essencial no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. É importante que os professores desenvolvam práticas pedagógicas que possibilitem uma ação fundada no diálogo, no estímulo às interações; ao desenvolvimento de uma prática com base na interlocução e que estimule a criança a falar de suas experiências pelo exercício da sua voz, pelo repertório lingüístico e pelo conhecimento que têm não só da palavra, mas também do mundo cultural em que vive. A interação, portanto, possibilita a ampliação e o aprofundamento de seus conhecimentos.

A linguagem, no entanto, tem se constituído, na escola, muito mais uma prática que induz ao silêncio do que uma possibilidade de constituição de sujeitos que postulem sua autonomia. O professor, na crença ingênua de uma suposta neutralidade técnica, contradiz-se em sua prática os mais belos discursos, uma vez que na atribuição de papéis sociais no interior da escola ele se configura como "o que fala", e a criança "a que ouve e reproduz". Não se concebe neste desempenho de papéis, a criança como interlocutora e sim como uma repetidora passiva de informações. Nega-se, portanto, o papel da linguagem no desenvolvimento do pensamento. Nega-se, ainda, que é através da linguagem, da constituição de signos socialmente produzidos, que se desenvolve a possibilidade de organizar um espaço educativo em que se propicie a criação, a descoberta, onde a criança pode apropriar-se dos bens culturais produzidos pelo homem. Nessa perspectiva, a fala e o poder da palavra têm uma conotação decisiva para a aprendizagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da criança, dando assim, ao diálogo sua devida importância no processo da aquisição da leitura e da escrita no processo de alfabetização.

Queremos enfatizar que, por diálogo, Vygotsky (1987-1989) e Bakhtin (1989) entendem não apenas alternância de vozes, mas o encontro, a incorporação dessas vozes. Assim, existe uma multiplicidade de sentidos; daí a relevância de se estabelecer quem fala, para quem se fala o que se fala e o que se pode falar. A importância do diálogo é vital na teoria de Bakhtin (1989). Para ele não existe uma realidade de linguagem fora do diálogo, pois o centro de toda enunciação não é interior, mas situa-se no social, onde está o indivíduo. A enunciação é assim sempre um ato social.

Lembramos com Brandão (1986) que é preciso descobrir o poder da palavra, aprender a dizê-la, ler não apenas o alfabeto semântico das relações entre as letras, mas o alfabeto político das relações entre os homens (...) a palavra não é apenas um sinal de cultura, é um símbolo e um instrumento de poder, ou então se ela é um modo de expressão da cultura é também aquilo através do que a cultura pode vir a ser, um instrumento político de libertação

---

popular. Freire (1994) afirma que somente a alfabetização como problematizadora do homem-mundo, como busca da palavra em sua significação profunda, é libertadora. E por ser libertadora, é capaz de instaurar-se como o primeiro passo que o indivíduo deve dar para sua integração no processo de construção de uma sociedade.

Reafirmamos a importância do professor de considerar dessa forma o papel da linguagem e de colocar-se como um interlocutor da criança permitindo-lhe possibilidades de interações, incentivando sua voz e não seu silêncio. É preciso, no entanto, esclarecer que toda prática pedagógica desenvolvida na escola, especificamente na sala de aula, implica uma metodologia, uma opção de ensino, uma proposta de trabalho do professor que se articule com uma opção política, que envolva uma teoria de compreensão e interpretação da realidade com os mecanismos utilizados em sala de aula (Geraldi, 1983).

Entendendo que a alfabetização é um processo que vai além de um trabalho com métodos e técnicas, enfatizamos a necessidade de o professor desenvolver uma prática educativa visando a um ensino de melhor qualidade, dando importância ao conhecimento que ele tem da natureza e da concepção da língua e da linguagem como objeto específico do seu trabalho; e ainda, das relações que envolvem o binômio linguagem e sociedade; daí a importância do reconhecimento da historicidade constitutiva da linguagem.

As concepções acerca da linguagem implicam uma determinada compreensão de homem, de sociedade e de mundo, que variam de acordo com os pressupostos que a fundamentam. As transformações ocorridas nos estudos da linguagem, a partir de meados dos anos 50, quando um grande número de pesquisadores e teóricos começa a discutir e a rejeitar a tendência comportamentalista de linguagem, voltando as atenções para a psicologia cognitiva possibilitam-nos, antecipar os riscos que corremos com as generalizações, caracterizando três concepções sobre a linguagem que vão de uma perspectiva de linguagem como expressão do pensamento, passando pela visão de linguagem como instrumento de comunicação até uma concepção de linguagem como forma de interação.

## **2. LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO QUE VEICULA A EXTERIORIZAÇÃO DO PENSAMENTO: PENSAMENTO LÓGICO, LINGUAGEM LÓGICA?**

Nesta concepção, a linguagem ocupa um papel de transmissão do pensamento, é como um instrumento que veicula a exteriorização do pensamento, e de acordo com Geraldi (1985), "se o pensamento tem uma forma lógica, a linguagem também o terá, já que esta é o espelho do pensamento". Nessa concepção não se leva em consideração o interlocutor, o que importa é a relação entre o sujeito pensante e a língua; aprender a falar e a escrever bem, significa aprender a exteriorizar bem o pensamento.

Esta concepção pressupõe o certo e o errado; uma linguagem correta, padrão, e não se admitem as variações da língua (a variação lingüística seria a forma incorreta de linguagem). A linguagem é uma faculdade inata ao homem. A posição da língua como sendo inata ao homem é de Chomsky (in Moura, 1996) que acredita na faculdade da linguagem geneticamente determinada. Nesse enfoque, a natureza da linguagem e a sua aquisição dão-se na medida em que se entende a existência no ser humano uma faculdade inata para esse processo de aquisição. Com isso pressupõe-se que o homem está programado biologicamente para desenvolver determinados tipos de gramática. Para este autor, a criança atinge gramáticas perfeitas, mesmo quando o estímulo ambiental é falho e fragmentado.

Esta concepção faz uma rejeição ao enfoque comportamentalista de linguagem, pois pressupõe que a aprendizagem resulta de uma interação entre ambiente e estruturas cognitivas preexistentes do indivíduo, que é visto não como um recipiente passivo de estímulos do ambiente, mas como um processador de informação, ativo e seletivo. É a partir de Chomsky (in Moura, 1996), que caracterizamos uma mudança conceitual de linguagem e uma diferença marcante entre a visão empírica e a racionalista, uma vez que, para esse teórico, a criatividade é fator preponderante na aquisição da linguagem, além da predominância do sujeito nesse processo, não do objeto, como acontece na concepção empirista. Com base nos pressupostos do racionalismo, o referido autor postula que todo ser humano tem habilidade para adquirir a linguagem independentemente de controle de estímulo e que, por causa desta independência, a linguagem pode servir como instrumento do pensamento e da auto-expressão, não só para os excepcionalmente dotados e talentosos, mas também, de fato, para todo ser humano “normal”. No pensamento chomskyniano, a criança não apenas imita um modelo, ela interpreta desenvolvendo e testando hipóteses desde que seja colocada diante de dados lingüísticos.

## **2.1. Linguagem como código que possibilita a comunicação. Dicotomia língua e fala?**

Esta concepção fundamenta-se no pensamento estruturalista. O estruturalismo parte do princípio de que a língua é um sistema de signos, uma rede de relações estruturadas. A língua nada mais é que um código que possibilita a comunicação entre o emissor e o receptor. É uma concepção que postula a língua como (o código) um produto social histórico, portanto não mais subjetivo ou psicológico.

A concepção estruturalista da linguagem de Saussure (in COSTA, 1996), estabelece uma distinção extremamente importante para a discussão da natureza da linguagem: a que estabelece a dicotomia língua e fala. Nesse

sentido a língua é uma instituição social, mas, contraditoriamente, o autor não admite lugar para o sujeito que fala. Nessa teoria, a língua – entendida como um sistema abstrato – assume um caráter preponderante em relação à fala; a fala é variável. A língua, ao contrário, é um todo em si mesma.

Entendemos que, para o autor, a língua pode ser estudada sem considerar o seu contexto sócio-histórico, e a linguagem, em vista de sua composição interna contraditória – língua versus fala – também não se apresenta como objeto de estudo da lingüística, pois tomada como um todo é multiforme e heteróclita, pertence ao domínio individual e social (e) não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, porque não se sabe como isolar sua unicidade.

Apesar de avançar um pouco considerando a comunicação uma das funções da linguagem, e postular que a língua é um produto social que possibilita e pressupõe a comunicação e ainda, de sua estrutura ser de natureza social, não se admite ainda o caráter subjetivo e interativo da linguagem.

## **2.2. Linguagem como espaço de interlocução e formas de interação. A unidade do mundo é polifônica?**

Os pensadores Vygotsky (1989) e Bakhtin (1989) postulam que a língua não pode ser considerada como algo abstrato e homogêneo, desvinculada da estrutura social; concebem a linguagem como espaço de interlocução e que essa aquisição (da linguagem) ocorre na interlocução enquanto processo eminentemente social, e ainda: a interlocução é determinante não só no processo de aprendizagem, mas na própria formação da consciência dos sujeitos.

A construção teórica do pensamento de Vygotsky (1989) deve ser compreendida, sem perder de vista as coordenadas dialéticas de seu pensamento, acompanhando o movimento permanente de seus conceitos. Para esse autor tudo está em movimento, não há lugar para dicotomias que isolem e fragmentem o fenômeno. Tudo é, pois, movimento causado por elementos contraditórios que coexistem numa totalidade. Ao longo de seus textos ele ressalta que o pensamento e a fala se encontram e se distanciam em vários momentos.

Para Vygotsky (1989), uma frase ou até mesmo uma única palavra pode expressar vários pensamentos, um único pensamento pode ser expresso por meio de uma única palavra ou por meio de várias frases. Tanto Vygotsky (1989), quanto Bakhtin (1989) chamou a atenção para o fato de que o entendimento mútuo pode ser obtido por meio de uma fala completamente abreviada, desde que as mentes dos interlocutores estejam direcionadas para o mesmo sujeito. Os dois autores utilizam um mesmo texto de Dostoiévsky:

Certa vez num domingo, já perto da noite eu tive ocasião de caminhar ao lado de um grupo de seis operários embriagados e subitamente me dei conta de que é possível exprimir qualquer pensamento, qualquer sensação e mesmo raciocínios profundos, através de um só e único substantivo, por mais simples que seja (Dostoievsky está pensando aqui numa palavrinha censurada de largo uso) Eis o que aconteceu. Primeiro um desses homens pronuncia com clareza e energia esse substantivo para exprimir, a respeito de alguma coisa que tinha sido dita antes, a sua contestação mais desdenhosa. Um outro lhe responde repetindo o mesmo substantivo 'mas com um tom e uma significação completamente diferentes, para contrariar a negação do primeiro. O terceiro começa bruscamente a irritar-se com o primeiro, intervém brutalmente e com paixão ns conversa e lança-lhe o mesmo substantivo, que toma agora o sentido de injúria. Nesse momento, o segundo intervém novamente para injuriar o terceiro que o ofendera. O que há, cara? Quem ta pensando que é? A gente ta conversando tranqüilo e aí vem você e começa a bronquear! Só que esse pensamento, ele o exprime pela mesma palavrinha mágica de antes, que designa de maneira tão simples um certo objeto; ao mesmo tempo, ele levanta o braço e bate no ombro do companheiro. Mas eis que o quarto, o mais jovem do grupo, que se calara até então e que aparentemente acabara de encontrar a solução do problema que estava na origem da disputa, exclama com um tom entusiasmado, levantando a mão: ... Eureka, nada de Achei. Ele simplesmente repete o mesmo substantivo banido do dicionário, uma única palavra, mas com um tom de exclamação arrebatada, com êxtase, aparentemente excessivo, pois o sexto homem, o mais carrancudo e mais velho dos seis, olha-o de lado e arrasa num instante o entusiasmo do jovem, repetindo com uma imponente voz de baixo e num tom rabugento... sempre a mesma palavra, interdita na presença de damas para significar claramente: Não vale a pena arrebentar a garganta, já compreendemos! Assim sem pronunciar uma única outra palavra, eles repetiram seis vezes seguidas sua palavra preferida, um depois do outro, e se fizeram compreender perfeitamente. (Dostoievsky in Diário de um escritor)

No pressuposto dessa concepção de linguagem fica evidenciada a intenção de resgatar uma concepção que leve em consideração os múltiplos sentidos que uma palavra pode alcançar. Para Bakhtin (1989), a unidade do mundo é polifônica. É preciso pensar a linguagem priorizando a relação do sujeito com a língua e suas condições de uso. A linguagem nessa concepção é tida muito mais que instância de informação; a linguagem é o que constitui o homem, resultado das suas interações no social. Esta construção acontece num espaço concreto (sociedade), não abstrato ou idealizado. A língua torna-se dessa forma espaço de ação impregnado de sentidos e ideologias.

Bakhtin (1989) desenvolveu estudos sobre a constituição da subjetividade por intermédio da linguagem focalizando o sujeito que fala e a enunciação. A enunciação é dessa forma sempre um ato social. Assim, os interlocutores no processo de interação social influenciam-se mutuamente.

O autor, em sua teoria da enunciação, evidencia na concepção de linguagem um aspecto essencial: "o dialogismo". Para desenvolver seus estudos e aprofundar investigação de conceitos fundamentais de sua teoria, o autor faz uma crítica do marco teórico vigente em sua época: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Para Bakhtin (1989), a linguagem é constitutiva da existência humana e completamente social. Sua significação e compreensão pressupõem a interação de diversos organismos, ou seja; qualquer enunciação é produto da interação com um interlocutor, sendo assim, é produto da interação social. Para ele, o fato lingüístico não pode ser visto como somente realidade física, mas inserido no social.

Em sua crítica, mostra que o subjetivismo idealista que tem por base a psicologia subjetivista vê o homem como ser autônomo e livre, não determinado pelo ambiente social, vê o fenômeno lingüístico como criação individual em que a língua constitui-se em um instrumento para ser usado (a língua é algo abstrato e homogêneo). Critica também a outra concepção vigente - o objetivismo abstrato, que pressupunha uma dicotomia língua/fala, separando a língua da fala, ou seja: o aspecto social (língua) do aspecto individual (fala). Lembremos que esta é a posição defendida pelo lingüista Saussure (in Costa, 1996), que adota a objetividade da língua. Segundo Bakhtin: (1989), "não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico l".

Entendemos que, na concepção de linguagem como prática social, o emissor e o receptor não podem interagir com a linguagem como se ela fosse um sistema abstrato, "a língua não é um sistema estável de forma normativamente idêntica, mas é uma realidade concreta". A fala não é só a pura expressão do pensamento individual, mas uma produção social mascarada pela ideologia. Ideológico, neste sentido, não é conceito de mascaramento ou falseamento da realidade, mas como um aspecto inexoravelmente ligado à palavra. "A mesma palavra pode ter sentidos distintos

dependendo do contexto em que ocorre a interlocução... a palavra é um fenômeno ideológico" (Bakhtin, 1989, p. 95).

Esse autor critica dessa forma as duas concepções em vigor, tanto o objetivismo abstrato que concebe a linguagem como sistema abstrato de forma, quanto o subjetivismo idealista que concebe a linguagem como enunciação monológica isolada e propõe a interação verbal como superação ou rompimento dessas posições dicotômicas. O redimensionamento da concepção de linguagem que enfatiza o aspecto social (modelo sócio-psicolinguístico) está pautado numa visão de homem e de sociedade de forma totalizante, concreta, não mais idealizada, abstrata, homogênea. Assim, a linguagem quanto a sua natureza "atualiza-se na enunciação dialógica, completa, no contexto de produção concreto, multifacetado e contraditório, sendo sua natureza, portanto, intrinsecamente sócio-histórica e ideológica". (Bakhtin, 1989, p. 95).

Desse modo, a linguagem não pode ser simplificada e concebida como uma forma imutável, já que está em permanente construção. Além disso, ela é constitutiva do sujeito, da sua consciência ou nas palavras de Bakhtin: "A consciência só adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no uso de suas relações sociais... só se torna consciência quando impregnada de conteúdo ideológico" (1989). A aquisição da linguagem para ele é um processo de internalização do discurso exterior em discurso interior, já que a linguagem é o produto da atividade social que sofre os determinantes do aspecto sócio-histórico.

Nesta perspectiva, podemos dizer que a construção da linguagem da criança deve ser entendida como uma construção ativa e progressiva de hipóteses, situada no contexto social e cultural onde acontece.

Assim sendo, a linguagem não é uma abstração desvinculada da estrutura social; a linguagem é um objeto sócio-cultural que acontece num mundo complexo, situada num sistema de normas e valores de uma dada prática social e que está integrada ao cotidiano da criança muito antes da sua iniciação escolar.

A linguagem é fundamental na constituição do homem e, de acordo com Vygotsky (1989), a linguagem desenvolve um papel essencial no desenvolvimento do sujeito enquanto ser social. Para esse teórico, o homem é essencialmente social e é através da linguagem que ele se humaniza. É pela linguagem que o homem interioriza a cultura, e vai além, ele constrói os processos psíquicos superiores. Veicula a apropriação da cultura do homem à construção das suas funções psíquicas. Talvez uma das maiores contribuições desse autor para a educação tenha sido exatamente a sua concepção de que as funções psíquicas do sujeito são constituídas à medida que assimila o legado cultural da humanidade; é a descoberta do caráter social e cultural do desenvolvimento dos processos psíquicos superiores desse indivíduo na formação escolar. A criança depende da cooperação do adulto para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Para ele, os signos assumem um papel de mediador entre os estímulos e as repostas do sujeito. É através dos

signos culturais que o sujeito elabora novos pensamentos e novas relações. A linguagem e o pensamento assumem, pois, uma unidade dialética.

Portanto, há nesta concepção uma ênfase no caráter sócio-cultural dos processos da consciência e do próprio conhecimento, em que a linguagem desempenha um papel determinante, na medida em que as idéias e os conceitos dão-se em interação com o outro. O homem humanizado pela linguagem toma consciência de sua realidade, pode refletir sobre ela e tem a possibilidade, enquanto sujeito histórico e social, de transformá-la. A linguagem, portanto, constitui a consciência do homem, uma consciência que é tecida nas interações e interlocuções que ele estabelece, através dos significados socialmente construídos.

### **3. LINGUAGENS, SUJEITOS, SABERES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA PRÁTICA SEM TEORIA?**

Após as considerações e análises sobre a linguagem e tomando como fundamento a relação teoria prática para nossas reflexões, acreditamos que a escola tem percorrido um caminho que a coloca entre o conservador e o emergente. Com o objetivo de analisar e discutir a ação docente é imperativa a reflexão sobre o fazer e o saber pedagógico, sobre a teoria e a prática por constituir-se uma necessidade efetiva do nosso estudo; principalmente porque pretendemos abordar o distanciamento entre o discurso e a postura de professores de alfabetização das referidas escolas pesquisadas.

É importante destacar que concebemos a educação como um processo integrado ao conteúdo mais amplo da sociedade que a integra. Assim, a escola inserida no contexto social desenvolve uma prática que é também social – a prática pedagógica, e dessa forma, enquanto prática social, a educação sofre os determinantes do contexto. Como a sociedade é contraditória, a escola reflete essa contradição. Vivemos numa sociedade capitalista, marcada pela existência de classes sociais, com interesses antagônicos – um antagonismo de interesses que tem gerado a luta de classes. Essa sociedade traz na sua raiz a desigualdade social, que é uma desigualdade estrutural, uma vez que é inerente à própria natureza dessa sociedade que é capitalista.

O professor no exercício de sua prática pedagógica coloca-se a serviço de uma determinada classe; resta-nos saber a qual classe social ele está servindo. É fato que não se pode esperar uma posição de neutralidade. A prática docente, portanto, toma partido (consciente ou não), reveste-se de um caráter político – é a dimensão política da ação docente, ou seja, "o político constitui o próprio ser do ato educativo enquanto ato humano e como tal, inserido na luta concreta dos homens" (Coelho, 1989, p. 38). É essencial a percepção da relação escola e sociedade para entendermos que não é uma simples e mecânica relação; mas há uma determinação recíproca entre elas. É

nessa ótica que acreditamos no trabalho do professor como possibilidade de questionamento, de crítica e reflexão sobre as condições de vida do homem na sociedade e de organização das classes populares.

A escola na sua existência concreta, real, na sociedade capitalista exerce uma função também contraditória: reproduz a ordem social vigente, mas ameaça essa mesma ordem estabelecida, corroborando para a sua superação. A escola, como coadjuvante na transformação social da realidade, age através da socialização do conhecimento às classes menos favorecidas; como mediação, não como instrumento principal dessa transformação. Isso acontece graças ao caráter dinâmico da sociedade, à possibilidade de mudança que é inerente à natureza do homem.

É importante que se discuta o papel da escola e da alfabetização, uma vez que é a escola a instância social onde o contato com a linguagem escrita e com a ciência enquanto modalidade de construção do conhecimento se dá de forma sistemática. As idéias de Vygotsky (1989) discutidas neste artigo subsidiam uma concepção de alfabetização. A escrita seria uma espécie de ferramenta externa, que estende a potencialidade do ser humano para fora do seu corpo: da mesma forma que ampliamos o alcance do braço com o uso de uma vara, com a escrita ampliamos nossa capacidade de registro, de memória e de comunicação. A escrita não pode ser considerada meramente um código de transcrição da língua oral, mas um sistema de representação da realidade.

O autor chama a atenção para a importância da intervenção pedagógica intencional para que ocorra o processo de aprendizagem, pois, mesmo imersa em uma sociedade letrada como a nossa, a criança não assimila a alfabetização espontaneamente. Assim, a mediação de outros indivíduos torna-se essencial para provocar avanços do sistema da escrita, um sistema complexo e culturalmente desenvolvido e compartilhado.

#### **4. (IN) CONCLUSÃO...MUITAS INDAGAÇÕES NA BUSCA DE ANÁLISES FINAIS**

Gostaríamos de enfatizar que refletir sobre linguagem e alfabetização permite-nos pensar a realidade da escola na atual conjuntura da sociedade brasileira, o que pressupõe a compreensão do papel da escola e da função intelectual do professor. Como educadora entendo que qualquer reflexão sobre educação não pode estar dissociada do contexto social, do tempo, dos valores da sociedade em que a educação se insere.

A escola enquanto instituição articula-se à história, ao movimento social, e dessa forma expressa os projetos políticos e econômicos de uma determinada formação social. Ela é determinada pelos valores sociais vigentes, mas é também determinante desses valores. Não podemos refleti-la de forma abstrata. Concordamos com Vygotsky quando afirma que não se pode pensar a alfabetização independente de sua função e de sua constituição nas interações sociais. A elaboração da escrita é um processo simbólico que como

tal está relacionado a uma cultura e a uma significação. Assim, a leitura e a escrita na escola têm que se constituir como necessárias para a criança, deixando de ser um mero instrumento de dominação, seleção e discriminação.

As ideias de Vygotsky e Bakhtin discutidas neste texto subsidiam uma concepção de linguagem e de alfabetização. A escrita como ferramenta externa que estende a potencialidade do ser humano para fora de seu corpo, da mesma forma que amplia o alcance do braço com o uso da vara, com a escrita amplia-se nossa capacidade de registro, de memória e de comunicação. A escrita, portanto, não deve ser considerado somente um instrumento de transcrição da língua oral, mas sim um sistema de representação da realidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia, da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1989.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.

BRANDÃO, Zaia; BAETA, A. M. Bianchine; BRITO, V. Vedovelo. Evasão e repetência no Brasil. In: Paiva, Vanilda (org.) **Perspectivas e dilemas da educação popular**. 28 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COELHO, I. M. A. A questão política do trabalho pedagógico. In BRANDÃO, C. R. (org.). **O educador vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, Catarina de Sena. Aspectos sociais da linguagem na educação: a oralidade e a escrita. **Revista de mestrado em educação**. linguagem, educação e sociedade. EDUFPI, vol. 1, 1996.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **A produção de ignorância na escola: uma análise crítica do ensino da língua na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas – São Paulo: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1994.

MOURA, Maria José. Leitura: usos e funções. **Revista de Mestrado em Educação. Linguagem, educação e sociedade**, vol. 1, EDUFPI, 1996.

SNYDERS, Georges. **Pedagogia progressista**. Lisboa: Livraria Almeida, 1974.  
VYGOTKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins fontes, 1987.